

PORTUGALIA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXIII
SEPARATA



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

~~2003/2004~~
(2002)

O concheiro de Salamansa (ilha de São Vicente, arquipélago de Cabo Verde): nota preliminar¹

João Luís Cardoso²
A. M. Monge Soares³
Francisco Reiner⁴
António Guerreiro⁴
Carlos Barradas⁵
Ricardo Costa⁶
Carlos Carvalho⁷

1. INTRODUÇÃO

Em 1993, dois de nós (F. R. e A. G.) percorreram em pormenor toda a orla litoral da ilha de São Vicente, tendo em vista o estudo da sua fauna de moluscos no âmbito da Missão Armadão I. Num fim de tarde, quando se percorria tracho setentrional da baía de Salamansa, uma pequena elevação imediatamente sobranceira à praia despertou a atenção; ali se acumulava, à superfície e em corte provocado pela ondulação marinha, grande quantidade de conchas, ossos de animais, porções de carapaças e de plastrões de tartaruga que, somados a fragmentos muito grosseiros de cerâmicas manuais, configuravam a existência de um concheiro de interesse arqueológico.

Por ocasião da Exposição “Cabo Verde Profundo”, realizada na sede do Centro Português de Actividades Subaquáticas (CPAS), alguns dos materiais dali expostos mereceram a atenção de entidades caboverdianas, designadamente do que foi depois Ministro da Cultura, Sr. Arq. António Jorge Delgado, do Embaixador de Cabo Verde em Portugal e do Conselheiro de Embaixada, Dr. Fernando Wahnnon Ferreira.

Desde logo foi manifestado, pelas referidas entidades, o interesse em promover intervenção arqueológica no local, tendo em vista o cabal esclarecimento das características e

¹ O presente texto (excepto o cap. 3), corresponde ao relatório enviado pelo CPAS ao Governo de Cabo Verde, em 1998, tendo-se mantido inédito.

² Agregado em Pré-História. Universidade Aberta (Lisboa).

³ Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém).

⁴ CPAS e Projecto Delfim – Centro Português de Estudos de mamíferos marinhos.

⁵ CPAS.

⁶ CPAS e W.A.RP – Wide Adventure Reporters.

⁷ Secretaria de Estado da Cultura de Cabo Verde.

da época da referida ocupação humana. Em conformidade, organizou-se programa que pudesse dar resposta a tais objectivos, ficando a montagem dos indispensáveis apoios logísticos e financeiros, bem como os contactos oficiais, a cargo do CPAS, sendo a direcção dos trabalhos de campo e de gabinete confiada ao primeiro dos signatários. Com efeito, a realização desta intervenção afigurava-se urgente: dos cerca de cem metros que a estação possuía à data da sua descoberta, cerca de três quartas partes desaparecera entretanto, em consequência da constante acção erosiva do mar, cuja ondulação atinge toda a frente do concheiro, constituído por materiais muito pouco consolidados.

2. TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

Os trabalhos de campo iniciaram-se pela regularização da frente do concheiro exposta à acção marinha, tendo-se crivado todas as terras desmontadas (Fig. 1), que formavam talude ao longo de todo o comprimento da acumulação, com cerca de vinte e dois metros de comprimento máximo. Para o efeito, implantou-se no terreno marcação de metro a metro, que possibilitou a recolha da totalidade dos materiais pelos sectores assim definidos, ainda que desprovidos de indicações estratigráficas, por corresponderem a desmontes da própria acumulação.

Depois de limpa e regularizada a frente exposta do concheiro (Fig. 3), procedeu-se à respectiva descrição e interpretação estratigráfica, com base nos sectores previamente definidos. A descrição efectuada sector por sector, bem como a amostragem exaustiva realizada, segundo a estratigrafia descrita foi da estrita responsabilidade de um de nós (J. L. C.); a respectiva interpretação, será apresentada em próximo trabalho. Foi ainda efectuado o respectivo levantamento gráfico e fotográfico de pormenor, que permitiram ilustrar diversos aspectos dignos de serem desde já destacados:

- Existência de diversos pisos de barro cosido, de espessura centimétrica a milimétrica, evidenciados pela coloração castanho-alaranjada que adquiriram devido ao calor (Fig. 6). Estes pisos, de desenvolvimento regular e uniforme, ainda que de aspecto lenticular, situar-se-iam no interior de unidades habitacionais de carácter muito precário, tendo adquirido a referida coloração, acompanhada de aumento de dureza, em resultado de incêndios que teriam atingido as cabanas, de forma recorrente;
- Os referidos pisos encontram-se limitados de um dos lados do corte exposto por amontoado de blocos de rochas ígneas, de origem local, constituindo muro, derrubado para o que seria o interior da primitiva cabana; torna-se no entanto difícil avaliar se esta correspondia a estrutura de planta quadrangular ou rectangular, de pequenas dimensões, como as que actualmente se observam no próprio local, ocupadas por pescadores, ou de simples pára-vento, como os também observados na zona norte da ilha. Esta questão só poderá ser resolvida mediante a escavação em extensão do sítio;
- Do lado externo da referida estrutura habitacional, em local imediatamente adjacente, observaram-se sucessivos leitos de cinzas finamente estratificados, de coloração esbranquiçada, por vezes alternantes com camadas de conchas muito fragmentadas. Trata-se de despejos de detritos domésticos produzidos na referida cabana, correspondendo as cinzas a varreduras de lareiras e as conchas a restos de refeições (Fig. 5); a sua abundância está, assim, ligada à formação do próprio montículo artificial

justificando a designação de “concheiro”. Verificou-se que a espécie mais abundante é a *Patella lugubris*, representada por grandes exemplares inteiros concentrados na parte superior da sequência estratigráfica; porém, ocorrem também restos de tartaruga, alguns deles alterados pelo calor, indicando o modo como os animais foram consumidos, a par de restos ictiológicos, em finíssimos leitos compactos. Especialmente junto da extremidade oriental do concheiro, abundavam ossos de cabra, frequentemente inteiros, em parte expostos pelo desmonte provocado pelo mar, conservando-se outros ainda *in situ* (Fig. 2). Tais restos foram datados pelo radiocarbono;

- Em estreita associação com os restos referidos, e dispersos entre eles, recolheram-se numerosos fragmentos cerâmicos, quase todos lisos e feitos manualmente ou ao torno lento, correspondendo a potes ou a taças fundas, de bom acabamento (Fig. 7, nº. 4; Fig. 8, nº. 7). Apenas alguns fragmentos ostentam decorações incisas, produzidas por ponteiros deslizantes na pasta fresca, em motivos muito simples (Fig. 7, nº. 5). Um dos fragmentos recolhidos em 1993 possui decoração impressa de rosetas, produzida por matriz, talvez metálica (Fig. 7, nº. 6). As colorações dos recipientes são, via de regra, anegradas e as pastas médias a grosseiras, apresentando superfícies pouco alisadas, ou mesmo rugosas. Importa, no prosseguimento dos trabalhos, proceder a comparações com cerâmicas da Idade do Ferro da costa ocidental africana;
- Recolheram-se diversos artefactos líticos (raspadores e raspadeiras), executados sobre lascas (Fig. 7, nº. 1), por vezes ontidas de seixos rolados de rocha siliciosas (Fig. 7, nº. 2); é de destacar um furador espesso e curto, sobre lasca de sílex (Fig. 7, nº. 3);
- O conjunto de objectos metálicos é escasso, estando presentes espigões de ferro, muito oxidados e de diversos tamanhos (pregos ?), e raros materiais de ligas cupríferas, difíceis de classificar devido ao mau estado de conservação;
- Uma ocorrência, detectada aquando da regularização do corte e perto da sua base merece destaque particular por possuir evidente simbolismo: trata-se de um vaso inteiro, de excelente acabamento, realizado manualmente ao torno lento (Fig. 8, nº. 8), o qual foi depositado intencionalmente, com a boca voltada para baixo, sob um dos pavimentos supra referidos: no corte. Na Fig. 4, observa-se bem o pequeno covacho realizado para a sua deposição, que cortou o referido pavimento. O seu interior revelou resíduos anegrados, depositados sobre o fundo; trata-se, também, de assunto que merece ser desenvolvido em próximo trabalho.

3. CRONOLOGIA ABSOLUTA

No Quadro I apresentam-se as datas convencionais de radiocarbono obtidas para o concheiro de Salamanca acompanhadas de alguns dados julgados pertinentes.

Quadro I

Ref. de Laboratório	Ref. da Amostra	Tipo de Amostra	$\delta^{13}\text{C}$ (‰)	Data convencional de ^{14}C (BP)
Sac-1616	Salamanca C1	Ossos	-13,13	275±60
Sac-1528	Salamanca C1 P	<i>Patella spp.</i>	-4,63	860±40
Sac-1530	Salamanca C2 P	<i>Patella spp.</i>	0	730±35
Sac-1531	Salamanca C6 P	<i>Patella spp.</i>	3,10	830±35

Note-se que Sac-1616 e Sac-1528 correspondem a duas datas obtidas a partir de amostras contemporâneas mas provenientes de reservatórios geoquímicos diferentes – da biosfera terrestre e da biosfera marinha, respectivamente. Deste modo é possível determinar o valor de DR para as águas costeiras da Ilha de S. Vicente, tendo em atenção o proposto por Stuiver e Braziunas (1993). O valor obtido a partir da curva – 690 BP – subtraído do valor de Sac-1528 permite atribuir a DR o valor de **170±40** anos. Tendo em atenção este valor de DR é possível calibrar as datas Sac-1530 e Sac-1531 fazendo uso da curva de calibração para organismos marinhos (Stuiver, Reimer e Braziunas, 1998), enquanto que a data Sac-1616 será calibrada fazendo uso da curva para amostras da biosfera terrestre (Stuiver *et al.*, 1998). No Quadro II encontram-se indicados os valores destas datas calibradas, as quais são apresentadas como intervalos máximos indicando-se, entre parêntesis, a intersecção com a curva de calibração.

Quadro II

Ref. de Laboratório	Data ¹⁴ C (BP)	Data Calibrada	
		1 (sigma) cal AD	2 (sigma) cal AD
Sac-1616	275±60	1520(1644)1786	1470(1644)1947
Sac-1528	730±35	1681(1708)1821	1655(1708)1950
Sac-1530	830±35	1621(1658)1684	1525(1658)1713

Por outro lado, fazendo uso do programa CALIB REV. 4.3 (Stuiver e Reimer, 1993) obtiveram-se graficamente as datas calibradas em causa.

Tendo em atenção os dados do Quadro II facilmente se verifica que a amostra da Camada 6 (Sac-1531) é mais antiga que a da Camada 2 (Sac-1530), mas que existe uma probabilidade razoável das amostras provenientes da Camada 1 (que não provêm do mesmo sector onde foram recolhidas as outras amostras e por isso as camadas não poderão ser correlacionadas lateralmente) serem as mais antigas de todas ou *grosso modo* serem contemporâneas da amostra proveniente da camada 6. De qualquer modo, a formação do concheiro será atribuível aos sécs. XVII e XVIII existindo, no entanto, uma probabilidade razoável de se ter iniciado ainda no séc. XVI. Note-se, por outro lado, o número diminuto de datas disponíveis para um sítio arqueológico tão complexo como é um concheiro e que o valor de DR determinado o foi apenas com um par de datas, o que torna a fiabilidade das calibrações efectuadas também diminuta.

Em publicação recentemente dada à luz sobre este concheiro (Rodrigues, 2001/2001) refere-se (p. 258) que as datas de radiocarbono obtidas no ITN – por conseguinte, as constantes do Quadro I – “permitiram estabelecer a cronologia absoluta do concheiro definida entre os séculos XV e o XVII d.C.”, sem que sejam apresentados os dados que justifiquem tal afirmação, pelo que, tendo em conta o que agora se publica, se terá de considerar como gratuita e sem base científica.

BIBLIOGRAFIA

BRITO, K.-Z. (1998) – Estação arqueológica de potencial interesse histórico. *A Semana*, 3 de Abril de 1998 (jornal semanário editado em Cabo Verde), p. 3.

- BRITO, K.-Z. (1998) – “Descoberta arqueológica de salamansa. Resultados laboratoriais não demoram muito”. *A Semana*, 15 de Maio de 1998 (jornal semanário editado em Cabo Verde), p. 2.
- LOPES, J. V. (1998) – “O mistério de Salamansa”. *Público*, 15 de Abril de 1998, p. 24.
- PINA, A. Dias de; PINA, C. de (1998) – “Vestígios de ocupação antiga em salamansa”. *A Semana*, 3 de Abril de 1998 (jornal semanário editado em Cabo Verde), p. 1-3.
- RODRIGUES, M. C. (2000/2001) – “Contribuição para o estudo de estações arqueohistóricas em Cabo Verde. Os concheiros de Salamanca e João d’Évora, Ilha de S. Vicente”. *Portugália*. Porto. Nova Série, XXI-XXII, p. 249-280.
- STUIVER, M.; BRAZIUNAS, T. F. (1993) – “Modeling Atmospheric ^{14}C Influences and ^{14}C Ages of Marine Samples to 10,000 BC”. *Radiocarbon*. Tucson. 35: 1, p. 137-189.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993) – “Extended ^{14}C Data Base and Revised CALIB 3.0 ^{14}C Age Calibration”. *Radiocarbon*. Tucson. 35: 1, p. 215-230.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J.; BARD, E.; BECK, J. W.; BURR, G. S.; HUGHEN, K. A.; KROMER, B.; McCORMAC, F. G.; van der PLICHT, J.; SPURK, M. (1998) – “INTCAL98 Radiocarbon Age Calibration, 24,000-0 cal BP”. *Radiocarbon*. Tucson. 40: 3, p. 1041-1083.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J.; BRAZIUNAS, T. F. (1998) – “High-Precision Radiocarbon Age Calibration for Terrestrial and Marine Samples”. *Radiocarbon*. Tucson. 40: 3, p. 1127-1151.



Figura 1 – Recolha e crivagem do talude de desmonte do concheiro, segundo a quadrícula métrica previamente definida, visível em primeiro plano.



Figura 2 – Ossos de cabra doméstica aflorantes no talude de desmonte do concheiro e observados em corte, na respectiva camada arqueológica, utilizados para datação.



Figura 3 - Vista parcial do corte do concheiro, depois de regularizado.



Figura 4 - Vaso depositado ritualmente com a abertura para baixo, encontrado na base da sequência estratigráfica, sob um piso de cabana; observa-se nitidamente a interrupção do referido piso aquando da abertura do covacho destinado ao enterramento do vaso, na zona assinalada pela escala. Ver Fig. 6.



Fig. 5 - Pormenor das lenticulas de cinzas esbranquiçadas (varreduras de fogueira), situadas do lado externo da parede de cabana ou de paravento constituída por blocos de rochas lávicas, visíveis do lado esquerdo, muito derruída.

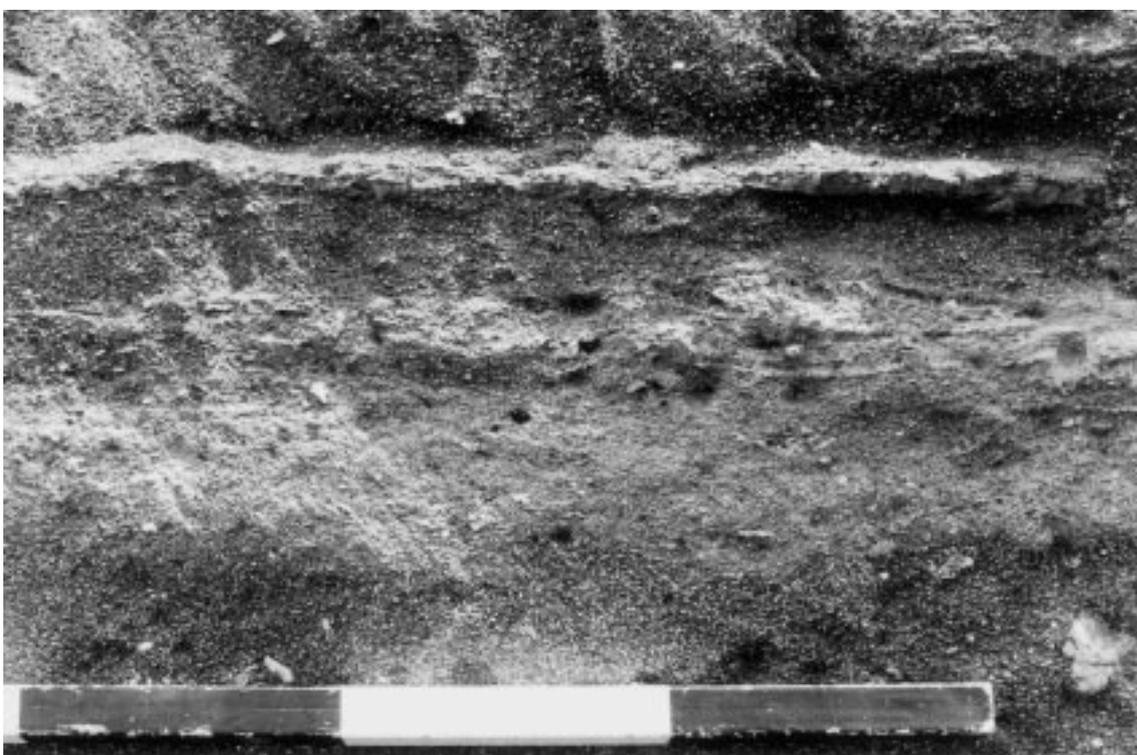


Fig 6 - Pormenor de piso de cabana sob o qual se enterrou ritualmente o vaso da Fig. 4, evidenciado por uma fina lenticula avermelhada endurecida, de argila cozida pelo calor, resultante de incêndio.

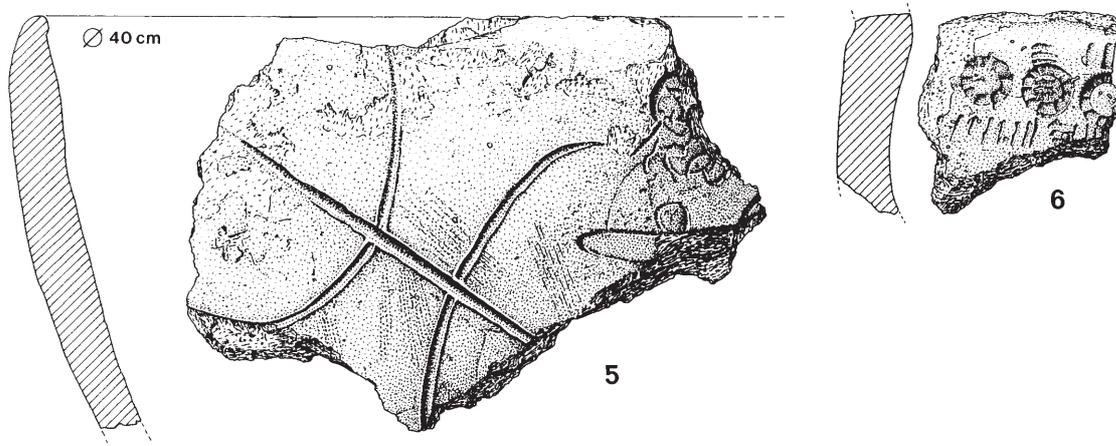
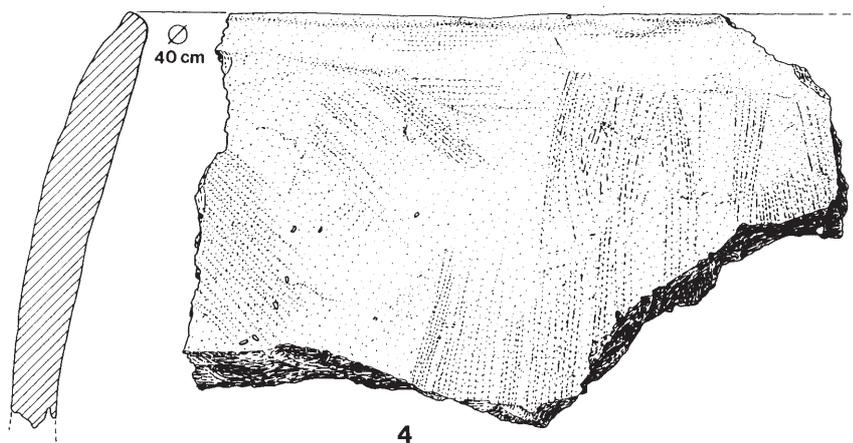
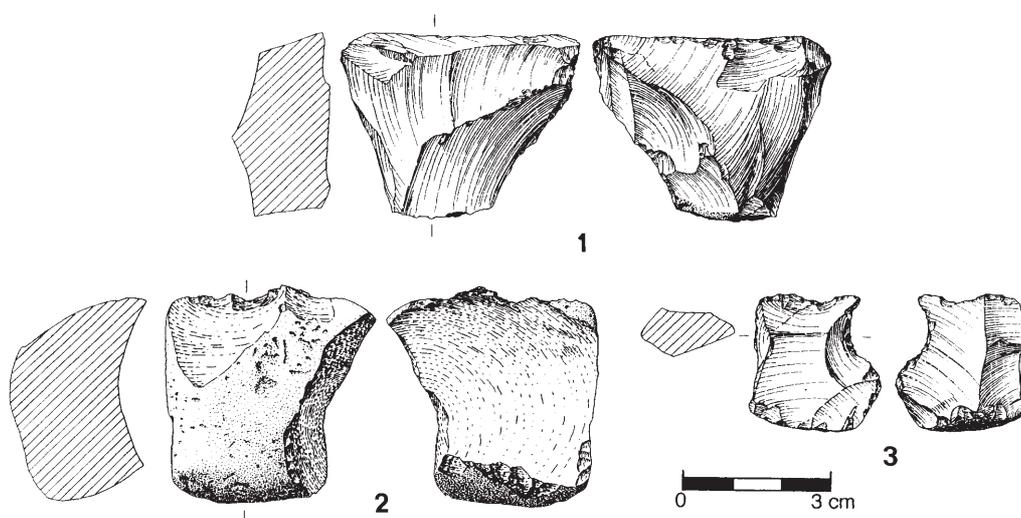


Fig. 7 – Em cima: indústrias líticas (raspador sobre lasca de sílex (1); raspadeira sobre lasca obtida de seixo de rocha siliciosa grosseira (2); e furador curto e espesso "bec", sobre lasca de sílex (3)). Em baixo: cerâmicas lisas e decoradas por incisão (5) e impressão de matriz em roseta, talvez metálica (6).

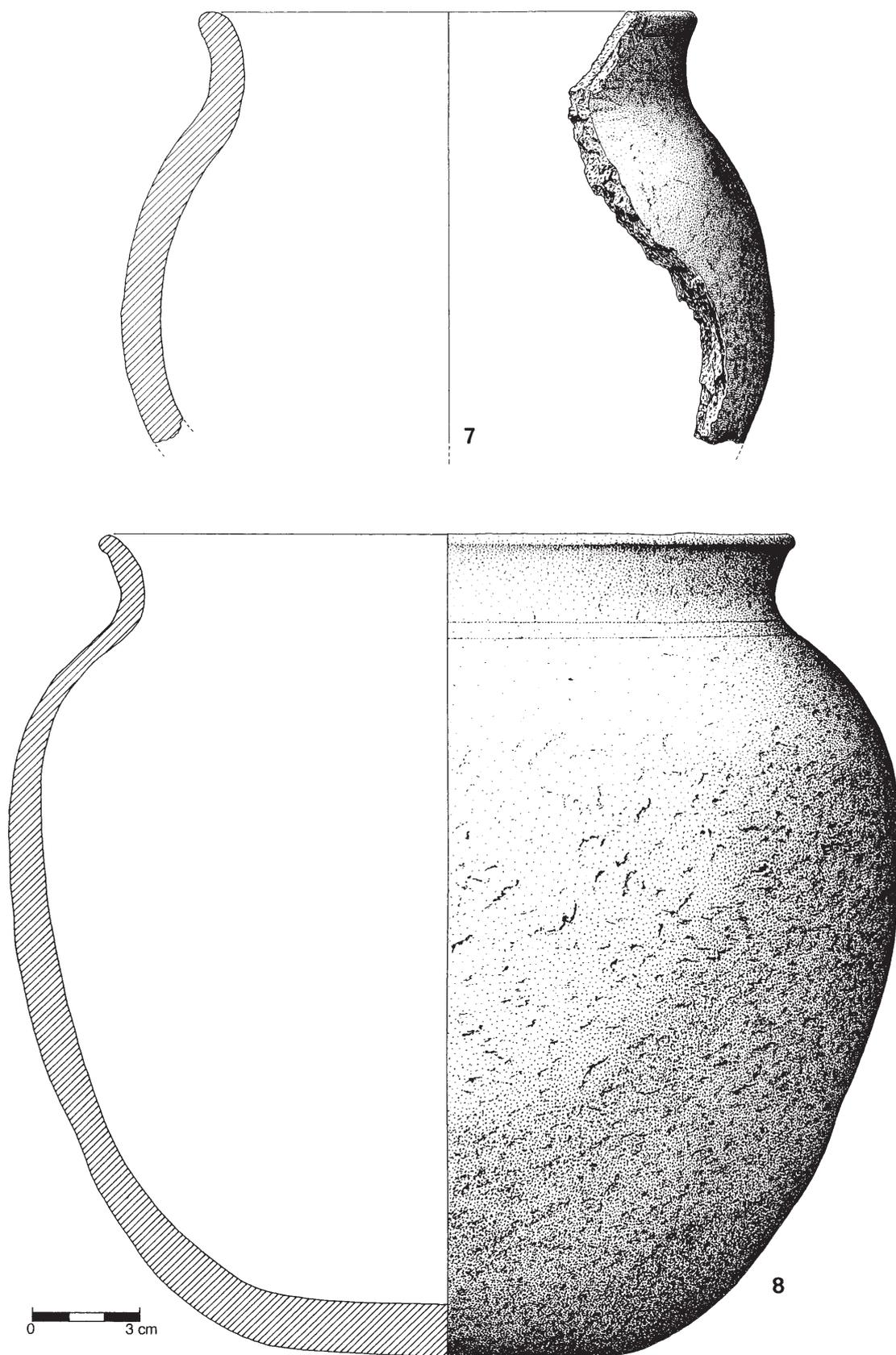


Fig. 8 - Cerâmicas lisas correspondentes a potes feitos manualmente ao torno lento. O exemplar nº 8 corresponde ao exumado sob piso da cabana (ver Fig. 4).

